

## ESPAÇO VIRTUAL: REENCONTRO E MEMÓRIA\*

Leani Budde\*

Alexandre Fernandez Vaz\*

**RESUMO:** A facilidade de conectar pessoas faz das redes sociais da internet, especialmente o *Facebook*, um importante espaço de reencontro de pessoas e de construção de memórias individuais e coletivas. É o que se observa em grupos de interesse formados na rede social, tal como o denominado REENCONTRO O ESTADO, que congrega ex-colaboradores deste jornal editado em Florianópolis durante o século XX. A partir da propagação do grupo na internet, seus integrantes compartilham vivências profissionais e memórias pessoais e organizam também encontros presenciais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Facebook. Memória. Jornalismo.

### Introdução

O espaço da internet, caracterizado pela virtualidade, velocidade, transitoriedade de um eterno presente fugaz e sem permanência, pode ser também espaço de memória. Nova forma de sociabilidade, as redes permitem interação pessoal instantânea e constante com pessoas de qualquer lugar, a qualquer hora. Embora não se encontrem registros do que havia antes, do que já passou, pois já foi superado pelo que veio logo em seguida, o espaço virtual pode ser memória a partir da interatividade dos usuários conectados em redes sociais e, dentro delas, unidos em comunidades com interesses comuns. Mesmo compartilhada momentaneamente, a memória ativada em redes sociais pode propiciar o estabelecimento ou reatamento de vínculos. É o que se observa especialmente na rede social *Facebook*, que se expandiu rapidamente pela internet nos últimos

---

\* O trabalho contou com recursos do CNPq (Projeto *Teoria Crítica, Racionalidades e Educação III*).

\* Universidade Federal de Santa Catarina. Bolsista CAPES. Imeio: [leanib64@gmail.com](mailto:leanib64@gmail.com).

\* Universidade Federal de Santa Catarina. Pesquisador CNPq. Imeio: [alexfvaz@uol.com.br](mailto:alexfvaz@uol.com.br).



Esta obra foi licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)

anos no Brasil, país que ocupa o segundo lugar no ranking mundial em número de usuários.

Nesse espaço, é possível criar grupos específicos de interesse em comum, em que apenas determinados integrantes possam interagir, ou seja, formam-se agrupamentos sociais com base em afinidades. É o que ocorreu com o grupo REENCONTRO O ESTADO, que congrega ex-funcionários do extinto jornal O ESTADO (1915-2009). Observam-se, no REENCONTRO, lembranças de fatos inusitados, dificuldades e prazeres do ofício jornalístico em cada fase, o burburinho e a solidariedade na redação, entre outras tantas recordações postadas na página social. As postagens demonstram que há interação entre os membros da comunidade, cujos laços não são meramente transitórios. Tanto é assim que a partir do reencontro em âmbito virtual foi articulada uma confraternização presencial, um jantar que reuniu 180 pessoas em maio de 2011, data escolhida por marcar o mês em que o extinto jornal faria 96 anos. Ao buscar o encontro pessoal em um jantar, os integrantes da comunidade mostraram um desejo de fazer com que as fronteiras entre o físico e o virtual fossem mais permeáveis. (TURKLE *apud* CASALEGNO, 2006, p. 289). Ao mesmo tempo, o grupo constituiu-se numa comunidade virtual e real, que, para existir, necessita de memória, comunicação e compartilhamento de informação (CASALEGNO, 2006, p. 288).

A interação dos membros do grupo no *Facebook* permitiu relatos de vivências, episódios, alegrias e tristezas de uma jornada profissional, memória de um tempo e jeito do fazer jornalístico, permeadas também por lembranças sobre outro momento da cidade de Florianópolis, notadamente o período de 1970 até final da década de 1990, considerado o mais significativo daquele jornal. A partir da formação e do crescimento do número de adesões ao grupo, encontros presenciais foram organizados para reunir novamente profissionais que haviam convivido no jornal em algum momento daqueles anos do final do século XX. Trazemos aqui alguns aspectos desse movimento de reencontro, com

depoimentos de participantes do grupo interligando-os a reflexões sobre memória de Le Goff (1992), Gomes (2004) e Seixas (2004).

### **A criação do grupo e a velocidade da propagação da ideia no espaço virtual**

As articulações para o REENCONTRO O ESTADO começaram quando quatro amigos interligados na rede social *Facebook*, nos primeiros meses de 2011, tiveram uma “verdadeira sessão ‘recordar é viver’”, a partir da postagem de algumas fotos antigas de um deles”, como conta a jornalista Lena Obst<sup>1</sup>, a principal fomentadora do reencontro. Ela continua: “Quando percebemos, estávamos os quatro emocionados, falando do passado com muita saudade e carinho, falando da escola de jornalismo que tivemos no ‘mais antigo’ e da vontade de rever as pessoas que fizeram parte de nossas histórias”. A troca de imagens, experiências e lembranças por meio da rede social permitiu o reconhecimento de “raízes” profissionais em comum, e o sentido de pertencimento. A partir disso, “a proposta do reencontro, que já era latente em muitos ex-colegas de redação, tomou forma e se espalhou rapidamente, num movimento sem precedentes entre jornalistas de Santa Catarina”.

Iniciou-se, então, uma nova etapa, a das adesões por meio do *Facebook*, com a rede social do mundo virtual exercendo funções de aproximar e quebrar fronteiras. As pessoas começaram a se comunicar, criando uma verdadeira corrente para lembrar de todos os que já tinham trabalhado no jornal e para localizá-los. As adesões foram espontâneas, a partir de convites progressivamente enviados. A idealizadora do reencontro se surpreendeu com a velocidade da propagação de sua proposta:

Criei o grupo do reencontro no FB [*Facebook*] às 6 horas da manhã de um domingo (dia 20 de março), com cerca de 40 pessoas que já tinha na lista de amigos na rede social. No final do

---

<sup>1</sup> Os depoentes foram entrevistados para uma pesquisa mais ampla, cujos resultados parciais são em parte aqui apresentados. Desta forma, optamos por referenciar explicitamente, neste artigo, apenas a porta-voz do grupo, que concedeu entrevistas a blog e revista online sobre o reencontro. Os demais depoimentos são referenciados pelas funções que ocuparam no extinto jornal.

mesmo dia já havia o dobro de pessoas se comunicando, enlouquecidas com a ideia e chamando outros a integrarem o grupo. Não dei conta de responder a todas as mensagens postadas e te confesso que cheguei a me assustar com a movimentação, com a empolgação das pessoas. Foi emocionante. (OBST, 2011).

Nos programas de mensagens em tempo real, não há as tradicionais barreiras que na vida social não virtual limitam o acesso a pessoas muito diferentes. Na Web não existem, em princípio, espaços “fechados” para alguém, facilitando, inclusive, a interação social de pessoas com mais dificuldade de relacionar-se “ao vivo” com os outros. O espaço virtual permite que os usuários conversem via teclado ou através de câmera, e têm em comum o fato de serem gratuitos, de instalação simples e abertos a internautas de qualquer parte do mundo. Além da possibilidade da troca de mensagens em tempo real via internet, há como enviar e receber arquivos e fotos.

Lançado em 1996, o precursor dos programas de mensagens instantâneas foi o *ICQ (I Seek You – “eu procuro você”)*. Em seguida, surgiu o *MSN*, um dos primeiros a permitir que uma conversa pudesse ser compartilhada por várias pessoas numa mesma janela e participar de jogos *online*, além de consentir fazer chamadas telefônicas, se o usuário tiver microfone acoplado ao computador. Ao mesmo tempo surgiram os blogs, diários virtuais de jovens que compartilhavam suas ideias e emoções para quem quisesse ler, os *photoblogs*, com fotos de pessoas, e as comunidades em torno de algum interesse comum. O formato se difundiu e propiciou o surgimento de um novo serviço, o *Orkut*, em 22 de janeiro de 2004, em que o mote era “Quem você conhece?”.

O *Orkut*, espaço virtual de relacionamento hospedado no *Google*, um sítio de buscas, tornou-se, em 2006, na maior rede de amigos e de comunidades de todos os tipos havida até então na Internet. Inicialmente tinha por função congregar pessoas com interesses em comum para debater determinado tema, e só dela podia participar quem era convidado. Mas os convites rapidamente se multiplicaram, especialmente entre jovens. No Brasil, a propagação dessa

“comunidade virtual” foi tão intensa, que em 2006 tornou-se o país com maior número de pessoas conectadas ao *Orkut*, atingindo naquele momento também outras gerações, e não mais somente a juventude. Tão rápido como surgiu, essa rede social refluuiu, não sem antes ser demarcada como a experiência que mais se enquadrava às necessidades do internauta de se colocar diante da rede, de fazer parte dela, de ser um usuário ativo dentro de uma comunidade virtual.

Logo após atingir o auge, o *Orkut* começa a perder espaço para o *Facebook*, outra das redes sociais da internet que se expandiram rapidamente no Brasil. Elas funcionam como pontos de ligação que vão se entrelaçando, a partir de conexões em comum. A partir de convite de pessoa já associada, novos membros são progressivamente adicionados, ampliando o espectro de relações. A ferramenta da internet passa continuamente por alterações e surgem novas possibilidades de ampliação do número de usuários. Uma das formas recentes é a possibilidade de solicitar novas amizades a partir de sugestões que aparecem na página do usuário por serem da rede social de algum membro em comum, já adicionado anteriormente. De certo modo há uma espécie de “pressão” sobre os internautas para que se associem à rede social, já que todo novo usuário que adere é incentivado a enviar convites para sua lista de e-mails. Na primeira semana de outubro de 2012, a rede chegou a 1 bilhão de usuários, conforme informação divulgada em sítios de notícias da internet, tal como o portal Terra (NEVES, 2012).

A rede social tem sido usada por grupos de pessoas com alguma motivação em comum, por meio da criação e compartilhamento de páginas próprias. “O que chamamos de socialização no ciberespaço é um conjunto complexo de afinidades, interesses, práticas e discursos que ocorrem como um processo de iniciação no qual interagem experiências *online* e *offline*.” (RIFIOTIS, 2010, p. 22). Para Bauman, “comunidade é nos dias de hoje outro nome do paraíso perdido – mas a que esperamos ansiosamente retornar, e assim buscamos febrilmente os caminhos que podem levar-nos até lá.” (BAUMAN, 2003, p. 9). O indivíduo não é obrigado a integrar determinada comunidade, a motivação é individual, eletiva,

subjetiva. Vem marcada pelo signo da "amizade", palavra mágica que entusiasma e propicia identificações de alguma ordem.

Tema pouco debatido no meio acadêmico, a amizade foi objeto de um breve texto de Giorgio Agamben (2009). Nele, o autor faz referência a assertivas conhecidas de Aristóteles, como a de que “não se pode viver sem amigos”, de que “não é possível ter muitos amigos”, e de que “a amizade mantida a distância tende a produzir o esquecimento” (AGAMBEN, 2009, p. 86). Agamben, contudo, ressalta, em concordância com o filósofo grego, que “Os amigos não *condividem* algo (um nascimento, uma lei, um lugar, um gosto): eles são *com-divididos* pela experiência da amizade. A amizade é a *condivisão* que precede toda divisão, porque aquilo que há para repartir é o próprio fato de existir, a própria vida” (AGAMBEN, 2009, p. 92).

As interações mais constantes entre integrantes do grupo REENCONTRO O ESTADO podem ser caracterizadas como de convivência e compartilhamento de sentimentos. A alguns basta apenas mostrar a própria existência, enquanto outros interagem intensamente, defendendo opiniões, divulgando eventos e partilhando imagens, sons e textos. Demonstram que emoções e afetos desempenham um capital na organização social, como diz Michel Maffesoli, que introduziu o conceito de *tribos* como novas formas de sociabilidade

A noção de tribo e a de massa estão ligadas pela lógica da rede. Essa ligação não tem a rigidez dos modos de organização que nós conhecemos, mas remete a uma ambiência, a um estado de espírito. Essa forma social, a rede, é um conjunto desorganizado mas sólido, invisível, mas servindo de ossatura ao conjunto. Proximidade, sentimento de participar de um todo, e localismo são sentimentos que permitem aos grupos em questão de se constituir em massa. [...] A religação se faz em torno de imagens que se partilham com os outros, imagens materiais e imateriais, ideia ou outra. O objeto não é importante, o que conta é o fato de que ele nos reúne. (MAFFESOLI *apud* CASALEGNO, 2006, p. 152-153).

Esse é o caso do grupo REENCONTRO O ESTADO, formado por ex-funcionários do extinto jornal catarinense, especialmente jornalistas que nele atuaram em

diversos momentos, em período que abrange dos anos 1970 aos anos 2000. O grupo estabeleceu-se por meio desta “cultura comum”, permitindo uma fácil interação e sentimentos de pertencimento. Ocorreu uma religação daqueles que haviam estado próximos em outro momento, mas que no presente encontravam-se afastados. As postagens no grupo se referem ao período profissional no jornal, de cada um dos novos integrantes, numa escrita pessoal recheada de sentimentos. As mensagens procuram ater-se à temporalidade do trabalho, mas trazem também a atualização da trajetória pessoal de cada um em outras dimensões. Constituição de famílias, novo cotidiano profissional, práticas de lazer, entre outras questões, estão presentes. Trata-se do compartilhamento de experiências particulares produzidas tanto no passado como no momento presente dos integrantes do grupo, forma de interação que se assemelha às antigas cartas enviadas a pessoas afetivamente próximas, mas geralmente distantes geograficamente. Há no grupo laços fortes de amizade e compartilhamento, mas também relações mais frágeis entre os integrantes, havendo os que interagem constantemente e os que apenas acompanham à distância o que é postado pelos demais.

As postagens, registros de várias situações daquela fase específica da vida das pessoas do grupo, demonstram que há interação entre os membros da comunidade, cujos laços parecem não ser meramente transitórios. Ao conceituar o que seria uma comunidade no espaço virtual, Howard Rheingold, um estudioso da *cibercultura* desde o seu princípio, explica que

[...] é um grupo de pessoas que têm um interesse comum ou que dividem algum tipo de destino comum e que se comunicam com as outras regularmente. A memória entra na comunicação de forma regular com os outros. Eu penso que é importante para as pessoas, em uma comunidade, terem identidades persistentes, mesmo que essas identidades não sejam as mesmas que elas utilizam na sua vida face a face. [...] A razão para isso é o capital social. Você confia de verdade nas pessoas porque o que elas lhe disseram ontem se tornou verdade, ou o que elas prometeram ontem se tornou o que elas fizeram hoje. Então você confia nelas amanhã. (RHEINGOLD *apud* CASALEGNO, 2006, p. 206).

A confiança, um dos principais componentes do sentido de pertencimento, é um dos elementos de ligação para os integrantes do grupo REENCONTRO O ESTADO. O grupo se mantém por meio dos laços partilhados que permitem novas proposições. Pelo reatamento da confiança e do reconhecimento mútuo é que foi possível fomentar encontros presenciais. A partir de uma comunidade virtual estabeleceu-se também, mesmo que temporariamente, uma comunidade tal como definida pela sociologia tradicional, que “pressupõe uma relação direta de pessoa a pessoa, de face a face, de humano e de vivo”, conforme Baudrillard (*apud* CASALEGNO, 2006, p. 122). O pensador é crítico em relação ao sentido de comunidade no espaço virtual e destaca que

Hoje, nas nossas sociedades, tudo é mediatizado [...] a comunicação prejudica as comunidades, ela prejudica a troca direta, desencaminhando-a. Nesse momento, o que se troca e se partilha não é mais uma relação dual, mesmo que se esteja em mais de duas, mas é outra coisa. O que se partilha seria uma relação plural, francamente virtual, quer dizer, que não se baseia na presença de uns frente aos outros, mas na ausência. Nós vamos na direção das comunidades de ausências. (BAUDRILLARD *apud* CASALEGNO, 2006, p.122 e 123).

No caso do grupo REENCONTRO O ESTADO as duas esferas comunitárias parecem complementar-se. A interação é mais constante no espaço virtual, mas há mobilização para que os encontros presenciais também sejam frequentes, geralmente mensais, denominados “esquentas”, em forma de jantar em bares ou em casa de um dos integrantes do grupo, além de uma festa anual em clube social da cidade. Até o dia do evento festivo, a lista de profissionais já tinha cerca de 580 nomes e o grupo no *Facebook* contava com a participação de 175 pessoas.

### **As festas dos *Dinos***

Em dinâmica correspondente à das redes sociais na internet, a *Festa dos Dinossauros*, como foi denominada a confraternização, foi idealizada, preparada e

divulgada, apesar da trajetória em comum no jornal ter sido percorrida no século passado. Articulado no *Facebook*, o reencontro de ex-colaboradores do jornal foi registrado em notas de colunistas sociais (Coluna Ricardinho Machado, jornal Notícias do dia, 26/05/2011, p. 2 caderno Plural, nota “Dinoestado.”) e políticos (Blog Moacir Pereira no clicRBS 28/05/2011: “Dinossauros: o encontro dos jornalistas de OEstado.”). Autodenominando-se “dinossauros”, os participantes do grupo postaram na rede social episódios inusitados, dificuldades enfrentadas para exercer a atividade e compartilharam a alegria de reencontrar pessoas depois de muitos anos. Um integrante do grupo assim definiu a iniciativa:

todo mundo ficou meio chateado de ter sido do jeito que foi, de ter acabado do jeito que acabou.[...] O jornal não acabou por nossa causa, se dependesse de nós ele ainda existiria. É como pessoal de turma que se encontra 20 anos depois [...] Existe um outro componente aí de que aquele mundo acabou, não foi só O ESTADO que acabou, acabou tudo, aquele jeito de fazer jornalismo... (Jornalista 1, depoimento, 2011).

É saudosismo, é, tudo isso. “Como é bom bater um papo com pessoas que a gente construiu uma vida...” E assim foi com o jornal O ESTADO. [...]E assim era o jornal O ESTADO, uma grande família, e olha que era de várias épocas, e isso... e o mais importante: “Vamos reunir a turma que trabalhou de 70 a 80”. Não, foi de todas as épocas, pessoas que nem se conheciam, conheciam por nome, de referência e tal, mas tavam lá, confraternizando... (Dirigente de jornal, depoimento, 2011).

Neste primeiro reencontro de ex-colaboradores, especialmente jornalistas, cruzaram-se memórias, lamentos, alegrias e decepções. Trazer à tona fatos ocorridos, não deixar cair no esquecimento, destacar um tempo e pessoas que se foram, lembrar episódios afetivamente significativos, são algumas das atividades da memória. A memória age “tecendo fios entre os seres, os lugares, os acontecimentos”, diz Seixas (2004, p. 51). Na página do grupo na internet, após o reencontro, um jornalista, entre outros depoimentos, lembra do seu período de atuação no jornal e descreve uma situação constrangedora vivida por ele e alguns colegas ao esperarem o ônibus na saída do trabalho, e aceitarem carona de um homem em evidência no noticiário devido à negligência profissional. Concluiu que haviam sido levados àquela *situação insólita* devido “à miséria dos nossos

salários e a imobilidade urbana.” Ou seja, o baixo salário pago aos jornalistas não permitia terem um carro próprio, em muitos casos. Assim, dependiam de transporte coletivo para ir e voltar ao jornal e ao esperar o ônibus naquela ocasião, tiveram a oferta da carona. “Era o próprio profissional acusado”, diz o relato. “Eu o reconheci e, como os demais aceitaram a carona, supus que todos o tivessem reconhecido. Estava enganado. A viagem foi constrangedora.”

Outro integrante do grupo lembrou a precariedade das condições de trabalho ao relatar que apenas um veículo transportava vários jornalistas para voltarem do centro da cidade até a redação, no bairro Saco Grande, concluindo que “aquele carro tinha tudo para entrar para o *Guinness Book*, como a maior concentração de jornalistas por metro quadrado e em trânsito...” A arquitetura do prédio do jornal, em forma de cruz quando vista do alto, também foi mostrada em foto postada por um dos integrantes do grupo. Os comentários a respeito deste detalhe, despercebido por muitos até então, fizeram relação também com o fato do impresso situar-se em frente a um cemitério, remetendo a associações simbólicas com a morte do jornal como algo já previsto pela forma e local em que se encontrava. Depois do primeiro grande encontro presencial, a comunidade virtual, com sua página no *Facebook* que se manteve depois da festa, passou a *andar sozinha*, com novas pessoas entrando a cada dia.

Não sei dizer se há um perfil, pois temos colegas de todas as idades interagindo, gente de vários lugares do Brasil se conectando com a proposta, inclusive pessoas que já não trabalham mais no jornalismo, mas que fizeram bons amigos no O ESTADO. Portanto, se há algo unânime no grupo, é a vontade do reencontro mesmo. (OBST, 2011).

As adesões ao grupo no *Facebook* são constantes, e depois de mais de um ano de funcionamento, um dos que se associou foi o último jornalista a tentar manter em edição O ESTADO, que postou sua primeira mensagem dizendo que “Não sou dos dinossauros, mas aprendi a ler ali. Depois, talvez tenha apagado a luz. Há controvérsias. Fico feliz em ter sido aceito no grupo.” (jornalista 4, 2012). Em entrevista, o jornalista acrescentou, sobre o grupo: “Tem um componente de

reencontro de velhas pessoas que o *Facebook* facilita. Claro que tem saudosismo, pra conversar sobre aquele tempo trocar ideias sobre coisas que compartilharam, fez parte de todo mundo. Se isso é um movimento de resistência eu não sei...” (Jornalista 4, depoimento, 2012).

O dinamismo do grupo REENCONTRO O ESTADO, organizando “esquentas” mensais, permitiu o planejamento e a realização de um segundo encontro, em maio de 2012, desta vez com banda musical, espumantes e patrocínios, entre eles o de um supermercado. Além de novamente citado na coluna social de Ricardinho Machado, o segundo encontro, agora no Lira Tênis Clube, um dos clubes tradicionais em decadência, como outros na cidade, teve dança e alegria, mas reuniu menos “dinos” que no ano anterior. Um indicativo talvez de que o entusiasmo pelo reencontro de amigos e colegas já tenha diminuído, assim como a efervescência inicial de fazer parte de uma rede social virtual.

### **Questões de memória**

A memória nunca é neutra, sempre está dentro de relações, surgindo a partir do momento presente. Embora individual, está constituída do coletivo, do leque que formou aquele contexto. Os registros compartilhados na rede social virtual podem ser vistos então como “aproximação das experiências de vida de um tempo e lugar, como indícios da cultura de uma época e de certa configuração das relações sociais.” (GOMES, 2004, p. 21). Embora a autora trate sobre as escritas e correspondências pessoais, de fundo político/histórico, várias de suas considerações podem ser empregadas para abordar da comunicação interpessoal que se dá via internet e redes sociais, em que se misturam as dimensões do privado e do público. Gomes aborda os textos autorreferenciais como “uma produção de si no mundo moderno ocidental”. (p. 10). Diz ainda que:

No que se refere à memória, passam a ser legítimos os procedimentos de construção e guarda de uma memória individual. [...]Os argumentos que sustentam as novas práticas derivam tanto da assertiva sociológica de que todo indivíduo é

social, quanto do reconhecimento da radical singularidade de cada um. Uma singularidade que se traduz pela multiplicidade e fragmentação do próprio indivíduo e de suas memórias através do tempo, sem que tal dinâmica torne falso (muito pelo contrário) o desejo de uma “unidade do eu”, de uma identidade. [...] Os registros de memória dos indivíduos modernos são, de forma geral e por definição, subjetivos, fragmentados e ordinários como suas vidas. [...] [Fazem parte de] uma sociedade em cuja cultura importa aos indivíduos sobreviver na memória dos outros, pois a vida individual tem valor e autonomia em relação ao todo. (GOMES, 2004, p. 12-13).

Pode-se supor que além de recuperar na memória um objeto material e simbólico (o jornal extinto), os integrantes do grupo REENCONTRO O ESTADO reescrevem suas próprias vidas e histórias pessoais e profissionais. Pelos episódios descritos e rememorados surge a possibilidade repentina de um lampejo, de um *flash*, de um mundo do qual se está desligado para sempre e uma tentativa de estabelecer, a partir disso, uma identidade comum a ser reverenciada. É um passado reconstituído, atualizado a partir da moldura do momento presente.

Observa-se também, como era de se esperar, uma busca de legitimar-se como os representantes autênticos de uma era do jornal, da cidade e do contexto de uma época. Ao tratar da memória como poder, Le Goff destaca que:

a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva. (LE GOFF, 1992, p. 426).

Embora a intenção de marcar suas trajetórias no jornal não seja explícita no grupo, ela está presente na busca de legitimação. Há uma preocupação em afirmar que não foi pelo jornalismo apresentado, nem por falta de dedicação dos colaboradores, que o jornal foi à falência, como evidenciam depoimentos anteriores, e também o seguinte:

No início dos anos 2000, tinha algumas pessoas e eles tavam recebendo todo mês em vale, vale, vale. O emprego já era o vale. E sempre uma dívida atrasada, pendente, de recomposição de planilha. Mesmo o administrador, chegou um dado momento ele viu que não dava mais, “não posso mais”. (Representante sindical, depoimento, 2011).

Certas narrativas reconstroem trajetórias de vida. A formação do grupo e sua constante interação tanto virtual como presencial é uma afirmação de que a extinção do jornal não pode representar o apagamento desses percursos profissionais. A satisfação dos jornalistas em recuperar as trajetórias pessoais no jornal por meio dos reencontros talvez seja também um esforço para se manter, por meio dos enunciados de O ESTADO, no imaginário referente àquele período. Para um dos entrevistados,

Tem um lado de saudosismo, pode ser um pouco de... acho que é muito de necessidade de reencontro e de resgatar aquilo que foi bom, porque não foi só ruim no OESTADO. As pessoas se envolveram, produziram, era um momento de transformação do país, foi o momento mais lindo que esse país já teve, parte da superação, da ruptura da ditadura militar. [...] era um momento efervescente, jornalistas participaram da construção da cidadania, da campanha das diretas. [...] Esse momento [reencontro no *Facebook*] é de revisitação.[...] Aquela coisa de visitar e compartilhar aqueles momentos bons, agradáveis, que por mais que os conflitos existissem, também formou a personalidade, o caráter delas, o compromisso delas. (Representante sindical, depoimento, 2011).

Embora o jantar de reencontro de 2011 tenha reunido 200 pessoas, há também ex-colaboradores que não participam do grupo. É o caso de uma jornalista que viveu um dos piores momentos do jornal, no início dos anos 2000, e não se sente no “direito” de ali estar: “não me identifico porque não faço parte da geração que foi geração ouro do jornal. [...] Mas eu não me vejo parte da história, a história que realmente a gente tem alegria de contar, entendeu?” (Jornalista 3, depoimento, 2011). No depoimento há indícios daquilo que destaca Le Goff, como visto acima: alguns tem mais legitimidade, autoatribuída e também reconhecida pelos seus pares, como representantes de uma época (do jornal). Como o grupo no *Facebook* demonstra alegria e satisfação pelos reencontros e pela trajetória em

comum, alguém que não vivenciou sua passagem pelo jornal como algo prazeroso não se sente estimulada a participar. Os indivíduos selecionam da memória o que é agradável de recordar, procurando, deliberadamente ou não, descartar ou desprezar o que causa dor, frustração e/ou constrangimento. Ao mesmo tempo isso demonstra como a memória é uma construção em que indivíduos trazem à tona interpretações sobre o passado. É uma negociação, como ensina Walter Benjamin (2010), entre a lembrança e o esquecimento, entre o esforço sempre malgrado de retomar de maneira consciente os fios do passado, e o de esquecer o que não se pode suportar. Ao mesmo tempo, ao idealizar o passado como um tempo melhor que o presente, transita-se num “eterno retorno”, como diz Benjamin retomando Nietzsche, e acrescentando: “É uma tentativa de unir os dois princípios antinômicos da felicidade: ou seja, o da eternidade e o do 'mais uma vez ainda' – A ideia do eterno retorno faz surgir por encanto, da miséria do tempo, a ideia especulativa (ou a fantasmagoria) da felicidade” (BENJAMIN, 1989, p. 174).

Um representante da fase áurea do jornal trata o reencontro de forma irônica, dizendo que:

não fui nesse jantar aí do reencontro dos ex-funcionários. [...] [Mas] acho que as pessoas tem todo o direito de se reencontrar e serem felizes. [...] eu sempre encontro amigos do jornal O ESTADO, eu converso, gosto de encontrar, agora daí a ir numa festa de... Só faltou uma camisetinha com aquele arqueiro<sup>2</sup>. Ah, e eu não me considero dinossauro, não me considero. (Jornalista 2, depoimento, 2011)

As interpretações do que seria um “dinossauro” são diversas. No caso acima, o depoente disse que está integrado às novas tecnologias e que não participa do grupo por não se considerar um “dinossauro”, como os integrantes se autodenominam. Assim, entendeu que “dinossauro” é alguém ultrapassado, de

---

<sup>2</sup> Símbolo do jornal nos anos 1970/1980, era um bonequinho com uma besta para atirar flechas que teve várias versões ao longo do tempo. Representa Rubens de Arruda Ramos, o pai de Sergio e de Paulo da Costa Ramos, que tinha uma coluna que se chamava *Frechando*, e assinava com o pseudônimo de Guilherme de Tal.

certo modo excluído das novas tecnologias. Mesma opinião de um jornalista mais jovem: “dinossauros é raça extinta, fizeram parte de um tempo que foi extinto e são os remanescentes deste período lindo” (Jornalista 4, depoimento, 2012). Para outro entrevistado, o termo “dino” foi escolhido, inclusive, como logomarca do encontro, para significar que pessoas de mais idade, os agora “vovôs”, iriam se rever, sem referência, portanto, a considerarem-se desatualizados. A escolha deste símbolo coletivo, largamente aceito pelos que estão no grupo, demarca uma identificação social. Os integrantes do grupo se mostrariam como herdeiros de uma linhagem que os diferenciam dos outros que vieram depois, mantendo, assim, uma mística em torno de si, tomando-se a si mesmos como emblema de uma prática, de uma ética, de um tempo.

A autodenominação “dinossauros” não pretende significar que estejam desatualizados, mas que carregam a experiência como vantagem pessoal e profissional. A articulação do grupo se deu pela internet, ferramenta da contemporaneidade. Mas as mudanças tecnológicas que tiveram que ser incorporadas seguramente causaram sentimentos ambíguos nessa geração de jornalistas acostumados às antigas máquinas de escrever. Ao mesmo tempo em que querem estar à frente de seu tempo, serem os portadores das novidades, muitos dos profissionais relutaram em aderir ao computador e, em alguns casos, mantiveram por anos sua máquina de datilografia, resistindo às mudanças cada vez mais rápidas da tecnologia.

Há um sentimento de que aquele tempo acabou, aquele jeito de fazer jornalismo para um veículo. Não se questiona mais, acabou, deu para o jornal. Hoje se produz informação para divulgar na forma que estiver mais a mão. Aquela história de ter uma Redação com bastante gente, a aventura de pegar carro e sair, é um negócio que está nos últimos dias. É uma mudança de páginas da história que faz as pessoas mais saudosas... (Jornalista 1, depoimento, 2011).

O depoimento remete a situações conhecidas, compartilhadas num mesmo território transitado, trazendo o conforto e a segurança de algo em comum num passado que não foi em vão. É um processo considerado como desencadeador

de discussões sobre a identidade e a sobrevivência da profissão de jornalista, uma das questões abordadas por Baldessar (2003). A autora apresenta uma visão otimista, dizendo que “a cada novo invento a profissão modificou suas práticas, desenvolveu linguagens, criou novas formas de mostrar o mundo através da informação” (BALDESSAR, 2003, p. 93). Além disso, afirma que as novas tecnologias acarretam mais uma “metamorfose profissional” (BALDESSAR, 2003, p. 96).

No caso dos ex-colaboradores de O ESTADO, o impacto das transformações causadas pela informatização não chegou a ser relevante para os poucos jornalistas que ainda tentavam manter o jornal. Mas a falência do periódico deixou marcas concretas como o não pagamento de salários, a luta em processos judiciais morosos e a busca por nova inserção profissional num espaço limitado de mercado comunicacional. Apesar disso, a partir da inserção no grupo do *Facebook*, configurou-se como mais relevante a alegria de reencontrar “velhos companheiros”, além da lembrança de situações referentes ao “espírito de grupo e de solidariedade” e de eventos significativos compartilhados em algum momento na passagem daquelas pessoas pelo jornal.

A memória permeia relações entre grupos sociais e gerações, e pode atribuir poder a quem a gera e a controla. Assim, poderia se dizer que o grupo REENCONTRO O ESTADO tenta forjar a memória do jornal, relacionando-o basicamente aos momentos “áureos” do jornal, sem referenciar o período decadente, e nesse sentido acaba sendo excludente, e também autoexcludente. Veremos então que há relações entre memória e história, memória e esquecimento, memória e conhecimento, memória e poder.

Toda memória é fundamentalmente “criação do passado”: uma reconstrução engajada do passado e que desempenha um papel fundamental na maneira como os grupos sociais mais heterogêneos apreendem o mundo presente e reconstroem sua identidade, inserindo-se assim nas estratégias de reivindicação por um complexo direito ao reconhecimento. (SEIXAS, 2004, p. 42)

Os “dinos” tornam-se os “donos” de um período da história do jornal, guardiões da memória de um periódico em papel cujo acervo se deteriora, mal conservado, na Biblioteca Pública do Estado. Enquanto exercitavam a profissão durante a existência do jornal, os jornalistas cumpriam suas obrigações profissionais, sem terem poder decisório que ajudasse a evitar o fechamento do jornal. Aos poucos dilapidado, o que ainda restava de equipamentos e arquivos foi saqueado da antiga sede, de cujo prédio só restavam as paredes nos dois anos seguintes à falência. Depois foi reformado e instalada uma nova empresa, desaparecendo então qualquer vestígio de que ali funcionara um jornal centenário. O legado jornalístico de um tempo da história da imprensa de Santa Catarina passa então a ser apropriado pelos “dinos”, pelos que exaltam a memória de O ESTADO, pelos que lutam pela preservação do espaço social e temporal que ocupou o periódico e do qual esses jornalistas se orgulham.

### **A importância do grupo *Reencontro O ESTADO* no espaço virtual: memória e identidade**

A comunidade virtual REENCONTRO O ESTADO é diariamente alimentada por comentários sobre jornalismo, felicitações por aniversários ou nascimento de filhos, lamentos e mensagens de apoio aos que padecem de problemas de saúde e outros assuntos que mantêm o grupo ativo. Embora já não mantenha a mesma empolgação do momento inicial de criação do grupo, sua importância foi reforçada em postagens de setembro de 2012, por ocasião da morte do fotojornalista Clemente Paulo Dutra, de 72 anos, que participava ativamente dos encontros. Ao informar sobre o falecimento, a idealizadora do grupo escreveu:

Queridos dinos, desculpem o desabafo, mas ao me despedir hoje do Paulo Dutra, pensei muito sobre nosso grupo e no que ele tem representado para cada um de nós. De verdade, tenho orgulho em estar aqui com vocês e saber que resgatamos um sentimento lindo de amizade, a tempo de transmitir afetos antes que a gente “se perca” por aí. Grande beijo cheio de vida a todos. (OBST, 2012).

Outros jornalistas concordaram e também se manifestaram: “Pensei nisso hoje, Lena Obst. Em como, ao se reunir, o grupo resgatou histórias, amizades. Refez algumas, consolidou outras... criou novas. Bj”. Uma terceira postagem igualmente enalteceu a importância da criação do grupo, observando que

É verdade, Lena Obst! Hoje, mesmo, pensei: ainda bem que tivemos a oportunidade de fazer festa, de encontrar, de abraçar, de estar com o Paulo Dutra... Ainda bem que temos a oportunidade de estarmos juntos, mesmo que seja somente uma vez por mês! Ainda bem que temos a oportunidade de rever amigos, conversar, trocar ideias, curtir, compartilhar com "velhos" amigos, mesmo que seja somente pelo face. Obrigada, Lena, por ser a grande incentivadora desse grupo, que nasceu a tempo de fazermos muitas coisas juntos!

Durante o velório, antigos colegas vestiram uma camiseta em que se lia “Dinos de O ESTADO” e foram juntos enterrar o companheiro da extinta redação. Mais uma vez fica patente a importância do movimento do grupo em retomar e renovar o passado, ou, como diz Bhabha, “O ‘passado-presente’ torna-se parte da necessidade, e não da nostalgia, de viver.” (2001, p. 27). A morte de um ente querido é também um momento de questionamentos, quando sentimos necessidade de saber quem somos, entre outras inquietações. Assim, é preciso encontrar sinais do que foi o passado, relembrar, reencontrar o senso de pertencimento. O entusiasmo pelos encontros do grupo de ex-funcionários parece ser a busca pelo pertencimento, pela confirmação de uma identidade comum que os integra e interliga. A interação e a participação no grupo permitem reencontrar e redefinir identidades, reativando a própria trajetória, especialmente a profissional.

Tanto na solenidade fúnebre como nas comemorações festivas, a memória se mostrou permeada pela lembrança do desaparecimento gradativo de outro tempo e modo de viver a cidade de Florianópolis. A urbe dos anos 1980, ainda pequena e pacata, foi retratada nas páginas do jornal, que naqueles anos alcançava seu auge em termos jornalísticos e de reconhecimento social. Era um tempo em que

se acirrava a controvérsia entre “manezinhos” e “os de fora”, especialmente pela coluna de Beto Stodieck (1945-1990), personagem referenciado por jornalistas e ex-assinantes do jornal pelas notas que deixou inscritas nas páginas de O ESTADO, ocupando, assim, um lugar de memória na cidade.

Ao mesmo tempo em que facilita o reencontro presencial dos integrantes do grupo, a comunicação em rede virtual também agrava a privatização e o despovoamento das cidades, conforme destaca Caiafa (2007). Para ela, o novo modelo comunicacional é e está a serviço da axiomática capitalista, cada vez mais fragmentada e desterritorializada. Ou seja, assim como contribui para a interação entre pessoas via computador, esvazia cada vez mais os espaços públicos da cidade em que antes os indivíduos se encontravam. A cidade de Florianópolis dos anos 2000 já não permite o encontro pelas ruas de todas as pessoas que se conhece, como outrora, e nas redações os casos pitorescos para *apurar* uma matéria estão em extinção. Florianópolis, nas últimas décadas, passou, de forma acelerada, de uma sociedade composta por pessoas ligadas entre si por tradição familiar, patriarcal e político/cultural, em cidade impessoal e moderna, onde cruzam-se desconhecidos, deixando de existir aqueles processos de pertença e de crenças partilhadas. Talvez tenham sido deixados para trás vínculos emocionais organizados em torno de símbolos comuns, agora resgatados apenas na memória. O indivíduo contemporâneo se sobrepõe à tradição, e práticas culturais perdem força. Assim, é preciso encontrar sinais do que foi o passado, relembrar, reencontrar o senso de pertencimento. O grupo no *Facebook*, ao trazer à tona eventos, símbolos, histórias particulares, facilita o reatamento de vínculos, mesmo que transitórios. Para Le Goff, “memória é um elemento essencial da identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje.” (1992, p. 476).

Além de recuperar na memória um objeto material e simbólico (o jornal extinto), os integrantes do grupo REENCONTRO O ESTADO reescrevem suas próprias vidas e histórias pessoais e profissionais. A memória permite, assim, compreender e aceitar o momento presente. “A memória dá aos seres humanos a

possibilidade de viver uma existência poética, não apenas uma existência funcional e utilitária. Se as pessoas compartilham as memórias, elas realmente possuem um tipo de existência poética.” (CASALEGNO, 2006, p. 209). O grupo REENCONTRO O ESTADO, criado no espaço virtual, cumpre um papel importante quanto à memória de um jornal, de uma cidade, de uma prática profissional, ao mesmo tempo em que traz, paralelamente, possibilidades de novas identificações e pertencimentos, mesmo que temporários, em momento da contemporaneidade carregado de incertezas pelas constantes transformações tecnológicas e sociais.

#### **VIRTUAL SPACE: NEW MEETING AND MEMORY.**

**ABSTRACT:** The easily connection by internet social networks, especially Facebook, is an important place to find people and of construction individual and collective memories. It is observed in groups formed on the social network, such as the so-called REENCONTRO O ESTADO, which brings together former employees of this newspaper edited in Florianópolis during the twentieth century. From the spread of the internet group, members share their professional experiences and personal memories, and also organize live meetings.

**KEYWORDS:** Facebook. Memory. Journalism.

#### **Referências**

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2009.

BALDESSAR, Maria José. **A mudança anunciada**. O cotidiano dos jornalistas com o computador na Redação. Florianópolis: Insular/UFSC, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

BENJAMIN, Walter. Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo. In: **Obras escolhidas**. vol. 3. Trad. José Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BENJAMIN, Walter. **Berliner Kindheit um 1900**. Frankfurt: Suhrkamp, 2010.

BHABHA, Homi. **O Local da cultura**. Belo Horizonte: editora da UFMG, 2001.

CAIAFA, Janice. **Aventura das cidades**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2007.

CASALEGNO, Federico. **Memória cotidiana**: comunidades e comunicação na era das redes. Trad. Adriana Amaral, Francisco Rüdiger e Sandra Montardo. Porto Alegre: Sulina, 2006.

GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: GOMES, Ângela de Castro (org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 7-26.

LE GOFF, Jaques. **História e Memória**. Campinas: Unicamp, 1992.

OBST, Lena. Articulam Reencontro de antigos funcionários do jornal O ESTADO. In: **Sambaqui na Rede**, Florianópolis, [online] 01 abr. 2011. Disponível em: <http://sambaquinarede2.blogspot.com.br/2011/04/blog-post.html>. Acesso em: 12 dez. 2012.

RIFIOTIS, Theophilos; et al (org.). **Antropologia no ciberespaço**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2010.

SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de memórias em terras de História: problemáticas atuais. In: BRESCIANI S.; NAXARA, M. **Memória e (res)sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Editora da Unicamp, 2004. p. 37-48

NEVES, Guilherme. Facebook vigia usuários como países gostariam de fazer com cidadãos. In: **Terra**, [online], 04 out. 2012. Disponível em: <http://tecnologia.terra.com.br/noticias/0,,O16202562-E112884,00-Facebook+vigia+usuarios+como+países+gostariam+de+fazer+com+cidadãos.html>. Acesso em 04 out. 2012.

### **Entrevistas realizadas:**

**Dirigente de jornal.** Depoimento em entrevista realizada pela autora. Gravada em meio digital em 24 out. 2011.

**Jornalista 1.** Depoimento em entrevista realizada pela autora. Gravada em meio digital em 08 jul 2011.

**Jornalista 2.** Depoimento em entrevista realizada pela autora. Gravada em meio digital em 12 ago. 2011.

**Jornalista 3.** Depoimento em entrevista realizada pela autora. Gravada em meio digital em 25 jul 2011.

**Jornalista 4.** Depoimento em entrevista realizada pela autora. Gravada em meio digital em 19 jul. 2012.

**Representante sindical.** Depoimento em entrevista realizada pela autora. Gravada em meio digital em 09 ago. 2011.

**Texto recebido em 05/11/2012.**